

Ninguém imaginava que *O Reino da Estupidez* era uma sublime vingança do estudante de medicina Francisco de Melo Franco, que jazera nos cárceres da Inquisição de Coimbra pela acusação de *enciclopedista*. O seu poema herói-cómico teve o poder da Némesis, da implacável justiça: lançou por terra o governo do Principal Mendonça e provocou as novas reformas encetadas pelo Principal Castro, continuando o espírito pom-balino.

Hoje, passados cem anos, são os versos desse poema um quadro pitoresco, vivo, sarcástico, pintado do natural e com flagrante realidade. Aqui a Arte serviu dignamente o progresso, empregando a sátira como instrumento de demolição contra o que prepondera além do seu tempo. Como o som da trombeta que fez ruir os muros de Jericó, agora o poema do *Reino da Estupidez* teve o prestigioso poder de libertar a Universidade, apeando o Principal Mendonça.

Isto basta para justificar a necessidade de conhecer este valioso documento literário que se tornou histórico.

Consta o poema de quatro cantos em verso solto, cuja estrutura geral lembra o *Laus Stultitiæ* de Erasmo; a situação era análoga, apesar de três séculos de distância. A Estupidez, entidade alegórica, sente-se repelida do norte, vem descendo pela Europa, e não achando abrigo na Alemanha, na França e na Inglaterra, países em que prevalece a civilização, resolve, acompanhada do Fanatismo, da Superstição e da Hipocrisia, procurar as amenas regiões das Espanhas. O bando chega a Lisboa; é o assunto do canto segundo, em que se descreve a petulância dos fidalgos impunes em seus atentados, a exploração dos Padres Capuchos, exorcistas de mulheres, e a sensualidade de um bispo galante. É então que a Superstição sustenta que deve em Lisboa assentar a Estupidez o seu trono. Mas o Fanatismo opõe-lhe uma objecção geral: em Lisboa já funcionava a *Academia das Ciências*, fundada em 1779. À vista da situação resolveu assentar arraiais em Coimbra. O canto terceiro é uma descrição de Coimbra, cercada de aprazíveis campinas, apresentando «os mais bellos passeios da Universidade». Espalha-se por Coimbra a fama da próxima chegada da Estupidez. Começa a carga ao Principal Mendonça, que

Ninguém imaginava que *O Reino da Estupidez* era uma sublime vingança do estudante de medicina Francisco de Melo Franco, que jazera nos cárceres da Inquisição de Coimbra pela acusação de *enciclopedista*. O seu poema herói-cômico teve o poder da Némesis, da implacável justiça: lançou por terra o governo do Principal Mendonça e provocou as novas reformas encetadas pelo Principal Castro, continuando o espírito pom-balino.

Hoje, passados cem anos, são os versos desse poema um quadro pitoresco, vivo, sarcástico, pintado do natural e com flagrante realidade. Aqui a Arte serviu dignamente o progresso, empregando a sátira como instrumento de demolição contra o que prepondera além do seu tempo. Como o som da trombeta que fez ruir os muros de Jericó, agora o poema do *Reino da Estupidez* teve o prestigioso poder de libertar a Universidade, apeando o Principal Mendonça.

Isto basta para justificar a necessidade de conhecer este valioso documento literário que se tornou histórico.

Consta o poema de quatro cantos em verso solto, cuja estrutura geral lembra o *Laus Stultitiæ* de Erasmo; a situação era análoga, apesar de três séculos de distância. A Estupidez, entidade alegórica, sente-se repelida do norte, vem descendo pela Europa, e não achando abrigo na Alemanha, na França e na Inglaterra, países em que prevalece a civilização, resolve, acompanhada do Fanatismo, da Superstição e da Hipocrisia, procurar as amenas regiões das Espanhas. O bando chega a Lisboa; é o assunto do canto segundo, em que se descreve a petulância dos fidalgos impunes em seus atentados, a exploração dos Padres Capuchos, exorcistas de mulheres, e a sensualidade de um bispo galante. É então que a Superstição sustenta que deve em Lisboa assentar a Estupidez o seu trono. Mas o Fanatismo opõe-lhe uma objecção geral: em Lisboa já funcionava a *Academia das Ciências*, fundada em 1779. À vista da situação resolveu assentar arraiais em Coimbra. O canto terceiro é uma descrição de Coimbra, cercada de aprazíveis campinas, apresentando «os mais bellos passeios da Universidade». Espalha-se por Coimbra a fama da próxima chegada da Estupidez. Começa a carga ao Principal Mendonça, que

convoca a Universidade para em Claustro pleno ser recebida condignamente a Estupidez, o que os teólogos e outros doutores declararam nesse ajuntamento magno é a crítica do espírito escolástico que pretendia impor-se à Universidade. Aí se debaterá contra «A barbara *Geometria* tão gabada — *Historias naturales, Phoronomias* — *Chimicas, Anatomias*, e outros nomes — difficeis de reter...» Quando chega a vez de falar Tirceu, o lente de matemática José Monteiro da Rocha, faz uma eloquente invocação à memória do Marquês de Pombal, e repele com desassombro o culto da Estupidez, que agora se implanta.

No canto quarto o Reitor manda pregar um Edital na porta da sala dos Actos Grandes para irem em Préstito receber a Estupidez, que se vai hospedar no Convento dos Cónegos regrentes de Santa Cruz, e que ali dá beija-mão, recebendo as mais entusiásticas felicitações. Recitam-lhe uma Oração de Sapiência, e a Estupidez aceitando «a geral confissão de vassalagem» abençôa-os, dizendo: ««continuae, como sois, a ser bons filhos.»

O poema appareceu firmado pelo pseudónimo Felício Cláudio Lucrécio. Suspeitaram que seria escrito por algum lente partidário da reforma pombalina; como Ribeiro dos Santos incorrera nas iras do Principal Mendonça, foi ele por isso o mais visado. Escreve em uma carta inédita Ribeiro dos Santos: «O argumento de que principalmente se valeram foi que falando-se no Poema no Collegio de San Pedro, e apparecendo pelo seu nome alguns individuos do de San Paulo, havia alto silencio a respeito do Collegio dos Militares; logo, diziam elles, o auctor pertencia a este Collegio; e como sabiam que eu tinha feito algum verso n'outro tempo, concluíram que tambem agora havia escripto esta satira.»

Para contraminar o efeito do *Reino da Estupidez* compuseram um outro poema em sete cantos, em sextinas rimadas, intitulado *O Zelo*, oferecido aos admiradores da Estupidez, por Patrício Prudente Calado (evidentemente pseudónimo). Na cópia do *Reino da Estupidez*, que se guarda entre os manuscritos da Biblioteca de Évora, o poema traz como autor Francisco de Melo Franco. A attribuição a outros nomes, como Sousa Caldas e Francisco José de Almeida, que se acharam com Melo Franco

no Auto-de-Fé da Inquisição de Coimbra em 26 de Agosto de 1780, obedecia a uma suspeita dentro do grupo de livres-pensadores da Universidade perseguido pelo Principal Mendonça. Melo Franco foi auxiliado pelo seu patrício José Bonifácio de Andrade e Silva, sendo *O Reino da Estupidez* escrito e copiado em quinze dias e subrepticamente distribuído por ocasião de umas festas da Universidade.

O poema só veio à publicidade pela imprensa em Paris em 1819; em Hamburgo em 1820; outra vez em Paris em 1821, e em Lisboa em 1822 e 1823. Melo Franco tendo falecido em uma viagem de regresso ao Rio de Janeiro em 22 de Julho de 1823, ainda teve o gosto de ver esta consagração ao seu poema, que foi continuada nas edições de 1833, 1834 e 1868.

Esse poema revela-nos a missão da Arte, na sua função negativa: não sendo uma obra-prima, há-de, pelo seu destino, ser sempre admirado.